

## O Ensino por Professores Militares e Leigos a seus Filhos em Fernando de Noronha/Pe (1980-1986)

Liliane dos Santos Gutierrez<sup>44</sup>

### RESUMO

Nesta comunicação, apresentaremos nosso estudo, a nível de pós-doutorado, que se encontra em sua fase inicial. No referido estudo, objetivamos elaborar uma história do ensino por parte dos professores leigos, na sua maioria, militares e suas esposas, que ensinaram na Unidade de Educação Integrada de 1º grau, única escola de Fernando de Noronha/PE, na década de 1980, com enfoque em Matemática. Para elaborar esta história, buscamos respaldo em pressupostos teóricos da História Cultural. Nossos documentos de pesquisa, além de entrevistas, estão sendo jornais, certificados de cursos, boletins escolares, fotografias, atas de reuniões. Para a análise dessas fontes, estaremos realizando a seriação e classificação dos documentos e utilizando a intertextualidade, a fim de buscar regularidades e distanciamentos entre os textos, de modo que parte dessas fontes e análise apresentaremos neste texto.

### Introdução

A partir do nosso contato com pessoas que viveram em Noronha, na década de 1980, vislumbramos a possibilidade de elaborar uma história sobre a educação escolar, nessa ilha, a partir das ações de alguns militares e de suas esposas que foram “convidados” a atuar como professores leigos.

A relação entre o ensino da Matemática no Brasil e o papel dos militares neste estão presentes desde a primeira metade do século XIX, quando cabia às escolas do Exército e da Marinha atender as necessidades de instituições destinadas ao ensino da Matemática superior (CASTRO, 1999). Os militares eram professores reconhecidos como “homens cultos”, pois, eram eles “constantemente chamados a desempenhar altas comissões no governo, ou importantes cargos políticos” (CASTRO, 1999, p. 36).

Contudo, durante o regime republicano, no Brasil, os militares não se contentavam em serem reconhecidos simplesmente como “homens cultos”, pois, grande

<sup>44</sup> Professora adjunta do Departamento de Matemática da UFRN e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da UFRN (PPGECNM). Líder do Grupo Potiguar de Estudos e Pesquisas da UFRN (GPEP). Coordenadora Pedagógica da Pró-reitoria de Pós-graduação da UFRN (PPG/UFRN). E-mail: [liliane@ccet.ufrn.br](mailto:liliane@ccet.ufrn.br).

parte deles, segundo Miguel, Miorim e Brito (2013, p. 2)<sup>45</sup> “estava imbuída dos ideais da independência dos Estados Unidos da América (1776) e dos iluministas da Revolução Francesa (1789), no que tangia à crença no governo republicano” (MIGUEL, MIORIM e BRITO, 2013, p. 2, tradução nossa).

Estes autores enfatizam que devido ao grande número de analfabetos, além da dependência do professor da Escola Normal pelo livro didático e também além do ensino secundário ser destinado, basicamente, às elites que pretendiam cursar Medicina, Direito ou Engenharia não se pode pressupor que houve uma Matemática escolar positivista, pois “a prática docente dos professores de então estava muito determinada pelos livros didáticos, dos quais poucos aderiram à filosofia positivista de Comte” (VALENTE, 2000 *apud* MIGUEL, MIORIM e BRITO, 2013, p. 5, tradução nossa).

Diante do exposto, entendemos que a escola laica e os professores leigos emergiram no Brasil de forma avassaladora e a possibilidade de elaborarmos uma história sobre a educação escolar, em Fernando de Noronha, a partir das ações de militares, que atuaram como professores leigos, vai ao encontro das pesquisas que realizamos, nos últimos anos, acerca da História do ensino da Matemática no nordeste brasileiro, além de inserirem-se nas atuais discussões do Grupo Potiguar de Estudos e Pesquisas em História da Educação Matemática (GPEP).

Contudo, apesar da sua relação com as pesquisas que desenvolvemos atualmente, ela se configura como inédita, pois apresentamos vestígios da história da educação escolar no arquipélago (1980-1986) com a sua forma, com os seus autores e suas representações, desvelando nuances de uma história ainda encoberta em narrativas e arquivos não pesquisados.

Além disso, na busca de elementos que reforçassem que esta história ainda não foi pesquisada, fizemos um levantamento por meio dos resumos de teses e dissertações em Educação e em Educação Matemática. Nessa busca, olhamos o ensino de Matemática e a relação deste com as Escolas Militares e com os professores leigos. Não encontramos estudos que abordassem, ao mesmo tempo, as relações supracitadas.

No tocante à relação entre o ensino de Matemática e as Escolas Militares apontamos as dissertações de Márcio Constantino Martino e de Ben Hur Mormêllo,

<sup>45</sup> O trabalho de Miguel, Miorim e Brito (2013) intitulado *History of Mathematics Education in Brazil* foi dividido em 5 (cinco) partes. Cada parte inicia na página 1. As citações do referido texto, realizadas neste projeto, são da parte 3(três), que possui um total de 8 (oito) páginas.

intituladas respectivamente, *O Ensino de Geometria na Formação do Oficial do Exército Brasileiro* e *O ensino de matemática na Academia Real Militar do Rio de Janeiro, de 1811 a 1874*. Apontamos também mais duas dissertações: *Aritmética, Geometria e Artilharia no exame de artilheiros de José Fernandes Pinto Alpoim (1744)*, elaborada por Leonardo Blanco e *Elementos históricos da Educação Matemática no Amazonas: livros didáticos para ensino primário no período de 1870 a 1910*, de Tarcísio Luis Leão e Souza.

No tocante à relação entre o ensino da Matemática e professores leigos, além da nossa tese de doutorado<sup>46</sup>, encontramos o estudo de Dulcyene Maria Ribeiro, cujo título da tese é *A formação dos engenheiros militares: Azevedo Fortes, matemática e ensino da engenharia militar no século XVIII em Portugal e no Brasil* e a dissertação de Izolda Strentzke intitulada *Inajá, homem-natureza, tucum e geração: uma análise da proposta pedagógica*.

Entendemos, portanto, ser relevante a nossa pesquisa para a História da Educação Matemática, pois é nosso desejo elaborar um registro histórico sobre o ensino na Unidade Integrada de Ensino de 1º grau, única escola na época, que havia no então Território de Fernando de Noronha (1980), apontando para as práticas e para a formação em serviço dos professores leigos, na sua maioria militares da Aeronáutica, em especial, dos professores que ensinavam Matemática.

### **Vestígios do ensino na Unidade de Educação Integrada de 1º grau em Fernando de Noronha/PE, na década de 1980.**

Investigar como se deu o ensino numa comunidade insular, como a de Fernando de Noronha, nos fez imaginar que era somente beleza e encanto, assim como as imagens da ilha, quando apresentadas em um convite aos turistas, mas nos equivocamos.

Em Noronha, na década de 1980, estava presente um poder bélico e administrativo deixado pelos norte-americanos, desde 1957, além do cotidiano dos noronhenses ser de isolamento, esquecimento, transgressão e disciplina (NASCIMENTO, 2009).

<sup>46</sup> O ensino de Matemática no Rio Grande do Norte: trajetória de uma modernização (1950-1980).

Os norte-americanos instalaram na ilha, de 1957 a 1965, uma base de monitoramento de mísseis (CONDEPE/FIDEM, [s.d]). Essa base era moderníssima e luxuosa, independente e isolada dos noronhenses, de modo que a população civil e militar brasileira era, apenas, expectadora desse poder bélico (NASCIMENTO, 2009).

Assim, Noronha, desde 1950, encontrava-se, regida pelas instâncias militares que administravam e salvaguardavam a ilha para os brasileiros, embora sua administração tenha passado por diferentes órgãos e instituições governamentais.

No século XIX, em 1823, era conferida à ilha a responsabilidade ao Ministério da Guerra; em 1877, ao Ministério da Justiça e em 1891, a Província de Pernambuco. No século XX, a sua jurisdição (1938) é conferida ao Governo Federal até se transformar em um Território Federal, em 09 de fevereiro de 1942, ficando sob o poder do Exército até os anos de 1981. De 1981 a 1986 sob o poder da Aeronáutica; o Estado Maior das Forças Armadas (EMFA), 1986/1987, e o Ministério do Interior (MINTER), 1987/1988, quando em 1988, volta a ser administrado pelo governo do Estado de Pernambuco na forma de Distrito Estadual (CONDEPE/FIDEM, [s.d]).

Como citado acima, de 1981 a 1986, período que estudaremos, a ilha está sob o comando da Aeronáutica, por isso, não poderíamos perder a oportunidade de entrevistar o senhor João Gonçalves de Oliveira<sup>47</sup>, um dos nossos narradores, atualmente militar aposentado da Aeronáutica, que foi um dos professores leigos, em Fernando de Noronha.

O senhor João narra que alguns militares, colegas seus, pensavam que ir trabalhar na ilha era “para ficar rico”.

Entendemos a fala do senhor João a partir do momento que, na primeira metade da década de 1980, ir para Fernando de Noronha em busca de melhores salários era uma oportunidade única, em um momento que a economia brasileira vivia uma inflação altíssima, conforme entrevistas<sup>48</sup> já realizadas por nós com militares que participaram desse processo.

<sup>47</sup> Nesse estudo, lançaremos mão dos procedimentos utilizados por aqueles que usam a História Oral como metodologia de pesquisa. Entre eles está a entrevista e, consequentemente, a assinatura do entrevistado na carta de cessão de direitos, para não só publicarmos a entrevista propriamente dita, mas também os nomes reais dos entrevistados.

<sup>48</sup> A entrevista realizada com os senhores João Gonçalves de Oliveira e Gerlúcia Vieira Madruga de Oliveira foi concedida a nós, em 04 de maio de 2013, à noite, na residência deles, em Recife (PE).

O narrador afirma ainda que também foi para ilha de “livre e espontânea vontade”, inclusive solicitando ao comando o seu desejo, mas não com a expectativa de ficar rico e sim de ter um pouco mais de ganho salarial. Entendemos na fala do narrador que o período frio da ditadura militar não é mencionado, o que importava, naquele momento, para ele, era o seu desejo de ser transferido, preferencialmente, para Fernando de Noronha.

Perguntamos ao Sr. João se ele e sua esposa tinham conhecimentos acerca do ensino para seus filhos, crianças, na época, em Fernando de Noronha, antes mesmo de partirem de Recife, cidade em que residiam, e ele nos disse: “Não! Desconhecia totalmente, essa parte de ensino. A gente não tinha conhecimento de nada, e outra coisa, para a escola você era o professor”.

É esse momento que evidenciamos o professor leigo em Fernando de Noronha, na única escola lá existente na década de 1980, a Unidade Integrada de Ensino de 1º grau. É nesse momento que vislumbramos a possibilidade de elaborar uma história sobre a atuação desses professores leigos em prol da educação de seus filhos, pois a esposa do Sr. João, a senhora Gerlúcia Vieira Madruga de Oliveira, também nos relata acerca da necessidade de lecionar nesta escola, pois se assim não fizesse, seus filhos não teriam acesso a mesma:

Eu tinha um filho com quatro anos e uma filha com dois anos e meio, que já estudavam aqui em Recife, só que lá não existiam turma de maternal. A primeira turminha lá era com crianças a partir de cinco anos, então nenhum dos dois poderia ficar na escola. Decepcionada, fui falar com a diretora, e soube que estava precisando de alguém para ensinar e que não precisava ter formação de professor. Falei com a diretora da escola, que era a esposa do governador da ilha, ai ela disse: “- se você ficar como professora, seus filhos podem ficar como ouvintes na salinha do jardim da infância” que era a única que tinha, para alunos a partir dos cinco anos. [...]. Então eles ficaram e eu fui e comecei a ensinar em uma turma de quarta série (GERLÚCIA VIEIRA MADRUGA DE OLIVEIRA. Depoimento Oral. 2013).

Sabemos que políticas públicas voltadas ao ensino em nosso país, nessa época, estavam acontecendo, até por causa de convênios estabelecidos com outros países.

Contudo, não havia professores graduados ou com formação específica em Fernando de Noronha, nesta época, conforme relatam nossos narradores. Além disso, no relato da senhora Gerlúcia fica claro o cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases (LDB

5692/71) de ter a criança na escola somente a partir dos 7 anos, embora houvesse o Jardim da Infância.

Diante do exposto, entendemos ser relevante nossa pesquisa a partir da possibilidade de evidenciar e narrar uma história desconhecida acerca da educação escolar ocorrida em Fernando de Noronha, na década de 1980. Lembramos que esta é a nível de pós-doutoramento e que está na sua fase inicial, de modo, que neste texto não trazemos resultados mais nossa proposta de estudo.

Portanto, nossa questão de pesquisa é: Que práticas de ensino ocorriam na Unidade Integrada de Ensino de 1º grau em Fernando de Noronha, na década de 1980, em especial, no ensino de Matemática? E nosso objetivo geral consiste em elaborar um registro histórico sobre o ensino na Unidade Integrada de Ensino de 1º grau, única escola na época, que havia no então Território de Fernando de Noronha, na década de 1980, apontando para as práticas e para a formação em serviço desses professores leigos, em especial, dos professores que ensinavam Matemática.

### **Em busca de informações**

Nesta investigação a partir das nossas reflexões, dialogando com as fontes orais, escritas e com autores que nos permitam tratar nossa pesquisa como uma pesquisa histórica poderemos consolidar esse estudo por meio da História Cultural.

Para Burke (2005), nessa perspectiva, historiadores se aproximaram da visão de cultura dos antropólogos, afirmando que a palavra cultural sugere uma ênfase em mentalidades, suposições e sentimentos e não em idéias ou sistemas de pensamento. Assim, a idéia de documentação que desenvolveremos nesse estudo é a de construção do nosso objeto de estudo, pois buscaremos constituir documentos com fontes orais, as memórias vivenciadas pelos militares e suas esposas na formação escolar dos seus filhos, sendo estas o nosso objeto de investigação, possibilitando a compreensão do que foi vivido, à luz das preocupações do tempo presente. Para ainda compor nossa pesquisa utilizaremos fontes como fotografias, certificados de cursos, boletins escolares, convites de formatura, jornais e outros que, por ventura, encontramos em nossa busca.

Entendemos, portanto, que as narrações feitas pelos entrevistados estabelecerão um diálogo com as fontes escritas constituídas por nós como documentos. O

entrelaçamento entre esses documentos e os depoimentos dos narradores é fundamental na tarefa de aprofundar o próprio trabalho da memória na reconstrução das lembranças vividas. Utilizaremos, assim como Brito (2008), o método de triangulação de fontes, que podem nos indicar divergências entre documentos, apontando, inclusive, possíveis falhas nas hipóteses da pesquisa.

Nesse estudo, entendemos por narradores o que Benjamim (1993, p.221), nos diz: “[...] o narrador pode recorrer ao acervo de toda uma vida (que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima que sabe por ouvir dizer) (BENJAMIM, 1993, p.221).

Como instrumentos metodológicos, lançamos mão também da pesquisa de fontes bibliográficas, além da entrevista semi-estruturada, como uma possibilidade de organizar a reconstituição histórica relacionada à formação e às práticas dos professores leigos (militares e suas esposas).

Por fim, para análise dos dados, organizaremos, de forma sistemática, as transcrições das entrevistas e os demais documentos que devem ser acumulados no decorrer da pesquisa, de modo a prolongarmos nossas reflexões, retornando aos fundamentos teóricos deste estudo, por meio de questionamentos dos saberes adquiridos e dos que nortearam a problemática deste, analisando detalhadamente a situação estudada, construindo as respostas das questões apresentadas. Realizaremos a organização do *corpus*, lançando mão do método da triangulação (Brito, 2008), a partir do momento que nossas fontes orais e escritas, após seriadas e classificadas, possibilitem-nos observar regularidades, analisar discursos, indicar distanciamentos ou não entre documentos e narrações.

Os documentos acima citados devem ser entendidos aqui na perspectiva da História Cultural, quando o consideraremos como monumentos, como construção, pois entendemos que a história escrita não se reconstrói no presente. Ela simplesmente é a história do passado que permanece até o presente, por meio de fontes como: livros, cartas, manuscritos, atas, testamentos, processos, documentos particulares de indivíduos, de famílias, jornais, entre outros. Para Le Goff (1996, p. 535), essas fontes fazem parte da memória coletiva e da história, pois são monumentos, heranças do passado, documentos, cabendo ao historiador escolhê-las.

Além disso, Foucault (1987, p. 7) nos diz que a história, sobre o documento, considera como sua tarefa primordial: “não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade, nem qual é o seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo” (FOUCAULT, 1987, p. 7).

Dialogaremos, em especial, com fotografias que nos mostram “ações” que aconteciam na Unidade Integrada de Ensino. Entendemos a fotografia também como um monumento de modo que a nossa observação irá requerer, “além de mecanismos de percepção visual aguçados, condições culturais adequadas, a comparação e a dedução”, para que possa se constituir num receptor competente das informações ali contidas (LEITE, 1993). Leite (1993) nos diz o exercício de analisar as fotografias nos habitua a olhar na foto uma radiografia; com significados invisíveis, ultrapassando o enquadramento das duas dimensões.

Partidária desse entendimento sobre a fotografia, Dalcin (2012, p.4) nos diz que para a fotografia ser considerada uma fonte histórica se faz necessário a entendermos como uma “linguagem não verbal dotada de sintaxe e semântica próprias, permeadas por intencionalidades que perpassam o processo de criação”.

Finalmente, o que tange a questões metodológicas para este estudo, cabe-nos ainda apontar elementos sobre a memória. Halbwachs (2006, p.30) aborda a memória como algo que depende das relações sociais em que cada um de nós vive.

Deste modo, recordar é algo construtivo, é gradual e depende da situação do presente. “A nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros”, (HALBWACHS, 2006, p. 29). Entendemos, então, que lembrar é reconstruir, repensar com imagens de hoje as experiências do passado.

Estamos cientes, no entanto, que a lembrança de determinado fato não se forma com a mesma imagem que foi representada na época em que ocorreu, porque não somos mais os mesmos. Temos novas experiências, temos outros *olhares*. A experiência da releitura apresentado em Bosi (2006) é um exemplo dessa afirmação. Quando, depois de muito tempo, relemos um livro, temos a impressão de que é um novo livro, pois nossas emoções, bem como o ângulo sob o qual o compreendemos, não são mais os mesmos.

Daí temos a possibilidade de nos remeter às narrativas do entrevistado, que são histórias ocorridas num determinado tempo e espaço, sendo o entrevistado, ao mesmo tempo, autor, narrador e protagonista do episódio que narra.

Por conseguinte, nesta perspectiva de entender a memória, para uma melhor compreensão dos depoimentos dos narradores, nos ajudará tecer a análise dos dados do estudo em questão.

### Considerações finais

Era nosso desejo divulgarmos este trabalho, mesmo estando na sua fase inicial, pois a possibilidade de realizar este pós-doutorado nos proporciona, entre diversas aprendizagens, consolidar o Grupo Potiguar de Estudos e Pesquisas em História da Educação Matemática da UFRN (GPEP), criado e liderado por nós, além de intensificar o intercâmbio para colaboração científica entre os professores do Grupo de Pesquisa Linguagem, Experiência, Memória/Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da UNESP e também do Grupo de História, Filosofia e Educação Matemática (HIFEM) que é um grupo interinstitucional da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com os professores do GPEP/Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática da UFRN(PPGECNM).

Nossa aspiração em ser recebida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP/Rio Claro, sob supervisão da professora Drª Arlete de Jesus Brito, para a realização da nossa pesquisa, se dá pela oportunidade que temos de trabalhar com a referida professora, desde 2004, quando ainda éramos aluna do mestrado e participamos como pesquisadora do projeto *Memória do Ensino de Matemática no Rio Grande do Norte*, coordenado por ela, financiado pelo CNPq. Em 2008, também como resultado dessa pesquisa, defendemos a tese *O ensino de matemática no RN: trajetória de uma modernização (1950-1980)*.

Entendemos que desvelarmos nosso problema de pesquisa, descrevendo uma das faces do ensino de Fernando de Noronha/PE, à medida que respondermos aos nossos questionamentos, preencherá, cada vez mais, as lacunas existentes na História do Ensino de Matemática do nordeste brasileiro.

Por conseguinte, consideramos nossa pesquisa relevante e inédita, principalmente porque estamos tentando (re)constituir um pouco da realidade ainda não historiada, contribuindo, assim, com a História do Ensino de Matemática do nosso país.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. v.1.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade.** São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- CASTRO, Francisco Mendes de Oliveira. **A Matemática no Brasil.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.
- BRITO, Arlete de Jesus. A USAID e o Ensino de Matemática no Rio Grande do Norte. In: **Bolema**, Rio Claro (SP), Ano 21, nº 30, 2008, pp. 1 a 25.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre prática e representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- CONDEPE/FIDEM. **Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco.** Recife. [s.d.].
- DALCIN, Andréia. Fotografia como fonte para pesquisa em História da Educação Matemática. In: I ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 1., 2012, Vitória da Conquista. **Anais...**, Vitória da Conquista, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Trad. Irene Ferreira et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Texto Visual e texto verbal. Grupo Temático Imagem nas Ciências Sociais. In: **XVII Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambu/MG, 22 - 25 de outubro de 1993.
- NASCIMENTO, Grazielle Rodrigues do. Um Arquipélago Teleguiado: Fernando de Noronha na relação do Brasil com os Estados Unidos. In: **XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH**, 25., 2009, Fortaleza. **Anais...**, Fortaleza, 2009.
- MATOS, Eloiza Aparecida Silva Avila de. O programa "Aliança para o Progresso": o discurso civilizador na imprensa e a educação profissional no Paraná – Brasil. In: **SIMPOSIO INTERNACIONAL PROCESO CIVILIZADOR**, 11., 2008, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008. p. 359-367.

MIGUEL, Antônio; MIORIM, Maria Ângela; BRITO, Arlete de Jesus. HISTORY OF MATHEMATICS EDUCATION IN BRAZIL, in **History of Mathematics**, [Eds. UNESCOEOLSS Joint Committee], in *Encyclopedia of Life Support Systems(EOLSS)*, Developed under the Auspices of the UNESCO, Eolss Publishers, Oxford ,UK, [http://www.eolss.net] [Retrieved March 18, 2013], 2013.